

## O jovem Heidegger e a Onto-teo-logia

*The Young Heidegger and the Onto-theology*

ERIC EWANS MENDES\*

**Resumo:** O jovem Heidegger possuía um profundo conhecimento sobre a Teologia Natural ou Filosófica que, com a Ontologia, formam a Metafísica ou Onto-teo-logia. A Teologia Filosófica visa a realizar a reflexão do conteúdo da revelação e da fé, a partir da razão, nas elaborações das provas da existência de Deus. Tais provas são, inicialmente, apresentadas pelos gregos que não se referiam a Deus como ao Deus Cristão. Isso começa pelos filósofos cristãos, como Anselmo de Canterbury que, sob a influência de Agostinho e Platão, elabora as provas da existência de Deus, em suas obras *Monologion* e *Proslogion*, aceitas por Boaventura, Duns Scott, Leibniz e Descartes, e rejeitadas por São Tomás de Aquino e Immanuel Kant. Para o jovem Heidegger, a teologia natural revela que Deus foi inserido na filosofia e é apresentado como um ente meramente pensado, para quem o homem não pode cantar, rezar, temer, dançar. Na verdade, a Metafísica apresenta um Deus morto pelos próprios cristãos, como denunciado por Nietzsche, em *A Gaia Ciência e Assim Falou Zaratustra*.

**Palavras-chave:** Teologia Natural. Onto-teo-logia. Metafísica. Heidegger. Deus.

**Abstract:** Young Heidegger had a profound knowledge of Natural or Philosophical Theology, and, together with the Ontology, it forms Metaphysics or Onto-theology. Philosophical theology aims to reflect upon the content of Revelation and faith based on reason in the elaboration of the proofs of the existence of God. Such evidence is initially presented by the Greeks who did not refer to God as the Christian God. It begins with Christian philosophers such as Anselm of Canterbury, who elaborates,

---

\* Eric Ewans Mendes é Mestre em Filosofia Social, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Bacharel em Teologia, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Contato: [ewaristosuper@hotmail.com](mailto:ewaristosuper@hotmail.com)

under the influence of Augustine and Plato, on the existence of God in his works *Monologion* and *Proslogion*, being accepted by Bonaventure, Duns Scott, Leibniz and Descartes and rejected by St. Thomas Aquinas and Immanuel Kant. For the young Heidegger, natural theology reveals that God has been inserted into philosophy and is presented as a mere thought in regard to whom man cannot sing, pray, fear, dance. In fact, *Metaphysics* presents a God killed by Christians themselves, as announced by Nietzsche in *Gaia Science* and *Thus Spoke Zarathustra*.

**Keywords:** Natural Theology. Onto-theo-logy. Metaphysics. Heidegger. God.

## Introdução

É sabido nos anais da história da filosofia, que o jovem Martin Heidegger começou sua vida acadêmica na Teologia, por ser, como o filho mais velho, destinado ao sacerdócio. Todavia, no semestre de inverno de 1911/12, Heidegger abandona o curso de teologia, formando-se em matemática e filosofia. Em 1915, obtém seu doutoramento, com uma tese, em que deu prosseguimento aos trabalhos de Schell e Braig, na tentativa de trazer a prática do pensamento neo-escolástico para a leitura de textos medievais, dentro de uma perspectiva fenomenológica. O pensador medieval trabalhado pelo jovem Heidegger foi Duns Scott, Wolf (2014). Porém, o jovem Heidegger começou a mostrar sinais de descontentamento com a Onto-teo-logia, e a partir daí, volta sua atenção aos textos do jovem teólogo protestante, Martinho Lutero, que será uma das poderosas influências em seu projeto filosófico inicial, especialmente o maior deles: *Ser e Tempo*.

Esse breve histórico revela que Heidegger tinha um grande conhecimento de toda a tradição teológica que faz parte Metafísica ou Ontoteo-logia. Mas, com o tempo, o jovem filósofo passa a tecer duras críticas a essa tradição, por terem inserido Deus na metafísica grega. Portanto, a tarefa do presente artigo é dupla: primeiro, mostrar, por meio de uma breve historiografia, que o jovem Heidegger tinha um profundo conhecimento de toda a tradição metafísica ou ontoteológica, de Platão a Hegel. Obviamente, não será possível tratar sobre todos, por isso, nesta pesquisa se observará apenas o pensamento de alguns, começando por Platão e Aristóteles, Santo Anselmo de Canterbury, Descartes,

Kant, Leibniz e Hegel (estes dois últimos na terceira seção do artigo). E por fim, as denúncias que o jovem Heidegger faz da Ontoteologia, sob a influência de Nietzsche.

## 1 A Teologia Natural ou Filosófica

O jovem Heidegger compreendia que na história do pensamento humano, duas formas de teologia se fizeram notar, a saber: a Teologia Natural ou Filosófica que, juntamente com a Ontologia, formam a Onto-teo-logia ou Metafísica, e a Teologia Cristã. Vale lembrar que em seu desenvolvimento na história da religião, a teologia cristã, em certos momentos, não deixou de fazer uso do conhecimento elaborado pela teologia filosófica. Isso implica que Teologia Natural ou Filosófica, cuja origem está na metafísica grega, e a Teologia Cristã não são a mesma coisa.<sup>1</sup> A teologia natural refere-se à reflexão do conteúdo da revelação e da fé, a partir da razão humana, em que se postula sobre a natureza e a existência de Deus por meio de argumentações racionais, sem a necessidade de recorrer a uma experiência religiosa, propriamente dita.

O jovem Heidegger compreendia bem essa tradição teológica filosófica, nascida no pensamento grego, desde Platão até Hegel, conforme se verá brevemente aqui. A teologia filosófica de Platão<sup>2</sup> apresentava uma realidade superior ao mundo sensível, suprassensível, uma dimensão metafísica e suprafísica do ser. Segundo Reale e Antiseri (2007), Platão considera a possibilidade de

1. A Teologia Cristã é a reflexão do conteúdo da revelação e da fé a partir da própria fé. Isso não significa que a reflexão seja descartada, pelo contrário, na experiência com o sagrado, a teologia cristã observa que, pela fé, Deus se revela ao homem de maneira pessoal, sem subjetividade ou categorizações. Portanto, na teologia cristã não há elaborações racionais sobre a existência de Deus, mas a aproximação do Ser Divino, mediante a experiência religiosa, pois sua natureza e essência são compreendidas pela fé.

2. Segundo Estrada (2012), Platão buscou apropriar-se da religião para expressar, filosoficamente, suas verdades. Para ele, a alma é intermediária entre o divino e o terrestre, e a reminiscência do inteligível, o que permite ordenar o sensível e colocá-lo em função do superior divino. Platão equiparou o divino, o imutável e o inteligível. Segundo ele, pelo *logos*, tem-se de ascender a Deus, por isso o uso do termo *Teologia*, que segundo Estrada, foi criado por Platão. O termo teologia aparece na obra *A República* II, 379a – XVIII: “Está certo, respondeu; mas, que modelos são esses a serem seguidos no domínio particular das lendas dos deuses (*teologia*)?” É verdade que o termo usado por Platão no texto grego é teologia, mas não ainda, no sentido de ciência sobre Deus.

uma realidade metafísica capaz de explicar todas as coisas. Assim, em sua filosofia, o discípulo de Sócrates abre uma nova rota que leva à descoberta do ser inteligível, captável pelo puro intelecto e pura mente.

Heidegger (2003) afirma que para compreender melhor a teologia natural aristotélica, se faz mister observar a concepção do filósofo grego sobre o termo *episteme physiké* “conhecimento da *physis*”, que pergunta pelo ente em sua totalidade, e pelo ser do ente em sua essência. Porém, a pergunta pelo ente requer um caráter mais originário e fundamental, que está além da física, a saber, a “*Primeira Filosofia*”, que é a própria metafísica. A primeira filosofia de Aristóteles pergunta pela natureza e essência do ente em sua totalidade, remontando ao mais elevado e derradeiro, o *theion*, também denominado por ele “*ente mais originário*”.

Em relação a esse ente mais originário, Aristóteles denomina a primeira filosofia como *theologike* “conhecimento teológico”, que é o *logos* encaminhando-se para o *Theós* (Deus) – não no sentido de um Deus da criação – mas no sentido de um *Theion*. Por isso, o conhecimento teológico aristotélico não é uma teologia de fé, que postula um Deus Criador, mas é uma teologia racional (filosófica) que postula o *Theion*, apresentado como eterno, imóvel e separado. Essa teologia racional de Aristóteles exercerá uma forte influência sobre a teologia e dogmática cristã, tendo como seu maior expoente, o iminente filósofo e teólogo Santo Tomás de Aquino (Heidegger, 2003).

É com Aristóteles, que a teologia começa a ser definida como ciência. Eis o que o filósofo grego afirma em sua obra *Metafísica*:

Mas se existe algo eterno e separado, é evidente que o conhecimento dele caberá a uma ciência teórica, não, porém à física, porque a física se ocupa de seres em movimento, nem à matemática, mas a uma ciência anterior a uma e à outra. De fato, a física refere-se às realidades separadas, mas não imóveis; algumas ciências matemáticas referem-se a realidades imóveis, porém não separadas, mas imanentes à matéria; ao contrário, a filosofia primeira refere-se às realidades separadas e imóveis. Ora, é necessário que todas as causas sejam eternas, mas estas, particularmente: de fato, estas são as causas dos seres divinos que nos são manifestos. Consequentemente, são três os ramos da filosofia teórica: a matemática, a física e a teologia. Com efeito, se existe o divino, não há dúvida de que ele existe numa realidade naquele tipo. E também não há dúvida de que a ciência mais elevada deve ter por objeto o gênero mais elevado de realidade. Enquanto as ciências teóricas são preferíveis às

outras ciências, esta, por sua vez, é preferível às outras duas ciências teóricas (ARISTÓTELES, *Metafísica*, VI, 1, 11 – 24).

Como já mencionado, a influência da teologia filosófica de Platão e Aristóteles torna-se poderosa sobre o pensamento dos teólogos e filósofos cristãos. Um deles, que se pode mencionar, é o grande filósofo e teólogo medieval Santo Anselmo de Canterbury. Sua teologia filosófica foi muito aprofundada e sistematizada, e se complementa por uma teoria da verdade, encarada em seu aspecto mais metafísico (Gilson, 2001). Seguindo a tradição platônico-agostiniana, todo o pensamento de Anselmo, segundo Copleston (1993), é dominado pela ideia de Deus e suas obras são um diálogo entre a lógica e a revelação cristã. Ele buscou apresentar em seu pensamento a existência de Deus e a natureza de Deus.

Conforme Reale e Antiseri (2005), há uma distinção entre as duas coisas, pois o perguntar se Deus existe não é o mesmo que perguntar o que Ele é. As obras mais famosas de Anselmo, que apresentam essa distinção são: *Monologion* e *Proslogion*. Na primeira, Anselmo apresenta as quatro provas da existência de Deus, porém, por estas quatro provas<sup>3</sup> se tornarem complexas demais, ele buscou um caminho mais rápido, para fazer seus leitores compreenderem o seu pensamento, *a priori*, surgindo então a segunda obra mencionada, a qual trabalha o chamado “argumento ontológico”, uma prova, *a priori*, da existência de Deus, obtida a partir da própria ideia de Deus.<sup>4</sup>

3. As quatro provas são as seguintes: 1. A primeira prova deriva da consideração de que cada qual tende a se apoderar das coisas que julga serem boas. Ora, se as coisas são boas, existe uma bondade absoluta, ou seja, Deus. 2. A segunda prova é a ideia de grandeza, não espacial, mas qualitativa, o que exige uma suma grandeza da qual todas as outras são uma participação casual. 3. A terceira prova não deriva de um aspecto particular da realidade (bondade ou grandeza), mas do ser, simplesmente. Como existe algo, existe o ser supremo, e esse ser supremo é Deus. 4. A quarta prova é a constatação dos graus de perfeição, se apoiando sobre a hierarquia dos seres, e exige que exista uma perfeição primeira e absoluta (cf. REALE; ANTISERI, 2005, p. 149-150). Esses argumentos, apresentados de forma resumida aqui, são vistos por completo na obra: ANSELMO. *Monologion*, 1988, p. 17-89.

4. O argumento ontológico é o resumo de dois termos: “Deus é aquilo do qual nada de maior se pode pensar”, e isso é pensado até mesmo pelo ateu e pelo tolo (chamado de insensato) que segundo o Salmo 14.1 apresenta: “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus” (vide Referências Bibliográficas). Os dois capítulos de *Proslogion*, que apresentam esses dois resumos são os Cap. IV e V, começando com as seguintes perguntas: “Mas como disse no seu coração aquilo que não se pôde pensar, ou como não pôde pensar aquilo que disse no seu coração, quando é a mesma

Seu pensamento foi compartilhado por Boaventura e Duns Scotus,<sup>5</sup> porém, rejeitado por Santo Tomás de Aquino. Os modernos Descartes e Leibniz o acolheram, realizando alguns notáveis acréscimos. Kant, por sua vez, assim como Santo Tomás, o rejeitou criticamente (COPLESTON, 1993; REALE e ANTISERI, 2005).

René Descartes apresenta em suas duas importantes obras, *Meditações Metafísicas* e *Discurso do Método*, as provas da existência de Deus e a imortalidade da alma.<sup>6</sup> Ele afirma acerca da ideia inata de Deus, apresentado como a substância perfeita, infinita, verdadeira, imutável, onisciente e independente, de quem são oriundos o eu próprio e todas as demais coisas que existem.

Eis a afirmação de Descartes em Terceira Meditação de *Meditações Metafísicas*:

E toda a força do argumento que aqui usei para provar a existência de Deus consiste em que reconheço que não seria possível que minha natureza fosse tal como é, ou seja, que eu tivesse em mim a ideia de um Deus, se Deus não existisse verdadeiramente; esse mesmo Deus, digo, cuja ideia está em mim, ou seja, que possui todas essas altas perfeições, de que nosso espírito bem pode ter alguma ideia sem, no entanto, compreender todas elas, que não é sujeito a nenhum defeito e nada tem de todas as coisas que assinalam alguma imperfeição (DESCARTES, 2005, p. 81).

E também sua censura aos ateus, no Quarto Discurso do *Discurso do Método*:

---

coisa dizer no coração e pensar?” e “Que és, portanto, Senhor Deus <tal> que nada de maior possa ser pensado?” (cf. ANSELMO. *Proslogion*, 2008, Cap. IV e V, p. 14, 15).

5. ‘Scotus’ é um apelido, o qual tem por finalidade indicar que John Duns era escocês (Scot). ‘Duns’ é o seu nome familiar, que era também o nome do vilarejo escocês onde ele nascera, o qual ficava a poucas milhas da fronteira inglesa. Portanto, existem várias grafias utilizadas de seu nome, resultado das variações idiomáticas. Três podem ser mencionadas: ‘John Duns Scotus’, ‘John Duns Scott’ e ‘John Duns Escoto’ (cf. WILLIAMS, 2007, 1.1).

6. Heidegger em *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica*, afirma: “No começo da filosofia moderna, junto a seu fundador, *Descartes*, vemos algo maximamente relevante. Este diz expressamente, em sua obra principal, *Meditationes de prima filosofia*, *Meditações sobre a filosofia autêntica* (ou *Meditações Metafísicas* – grifo meu), que a filosofia primeira tem por objeto a prova da existência de Deus e da imortalidade da alma” (HEIDEGGER, 2003, p. 51).

Enfim, se ainda houver homens que não estejam suficientemente persuadidos da existência de Deus e da alma, com as razões que apresentei, quero que saibam que são menos certas todas as outras coisas, de que talvez se achem mais seguros, como de ter um corpo, de existirem astros e uma Terra e coisas semelhantes (DESCARTES, 2001, p. 43).

Kant afirma nas obras *Crítica da Razão Pura e Lições sobre a doutrina filosófica da religião*, que a teologia é o conhecimento de Deus, a quem ele chama de “Ser originário”, no qual este conhecimento é chamado de teologia natural e se divide em dois tipos, a *teologia racional* e a *teologia empírica*:

A teologia natural é de dois tipos: a) *theologia rationalis*, que é o contrário de b) *teologia empírica*. Porém, uma vez que Deus não pode ser nenhum objeto dos sentidos e, por isso, da experiência, a *teologia empírica* será aquela de que somos capazes só por meio da ajuda de uma revelação divina. Não há, por conseguinte, nenhuma outra teologia, além daquela da razão e da revelação. A teologia da razão é *especulativa*, quando tem por fundamento o saber teórico, ou é *moral*, quando tem o conhecimento prático por seu objeto. A primeira poderá chamar-se então *teologia especulativa*, enquanto chamar-se-ia *teologia moral* a que retiramos de princípios práticos (KANT, 2019, p. 63).

O conhecimento através da razão é (teologia especulativa ou racional) concebido por dois modos, como se pode notar, pelo que diz Kant:

A teologia transcendental ou pretende derivar a existência do Ser supremo de uma experiência em geral (sem determinar nada de mais preciso acerca do mundo ao qual esta pertence), e denomina-se *cosmoteologia*, ou pretende conhecer a sua existência através de simples conceitos, sem o recurso à mínima experiência e chama-se *ontoteologia*. A teologia natural deduz os atributos e a existência de um autor do mundo, a partir da constituição, da ordem e da unidade que se encontram neste mundo, no qual é necessário admitir uma dupla espécie de causalidade, assim como a regra de uma e de outra, ou seja, a natureza e a liberdade. Assim, ascende deste mundo até a inteligência suprema, como ao princípio de toda ordem e perfeição, seja na natureza seja no domínio moral (KANT, 2001, A 632, B 660).

É tendo por base essa divisão que Kant oferece a sua visão sobre o deísta e o teísta:

O primeiro (deísta) reconhece que, de qualquer modo, podemos conhecer pela simples razão a existência de um ser primeiro, acerca do qual, porém, o nosso conceito é simplesmente transcendental, ou seja, o de um ser que possui toda a realidade, mas que não se pode determinar com mais precisão. O segundo (teísta) afirma que a razão é capaz de determinar de uma maneira mais precisa esse objeto, pela analogia com a natureza, ou seja, como um ser que contém em si, pelo entendimento e liberdade, a razão primeira de todas as coisas. O primeiro representa, por um tal objeto, apenas a causa do *mundo* (ficando indeciso se o é pela necessidade da sua natureza ou pela sua liberdade); o segundo, um *autor do mundo* (KANT, 2001, A 631, 632; B 659, 660).

Como já dito inicialmente, o jovem Heidegger tinha o conhecimento profundo sobre essa tradição do pensamento Ocidental e sobre ela teceu várias críticas, como alguns de seus antecessores alemães, conforme se verá a seguir.

## 2 Críticas do jovem Heidegger a Onto-teo-logia

Ao observar como a teologia se conduziu e se desenvolveu, na história do pensamento Ocidental, nos leva a concordar com Stein, que escolheu a metafísica grega “como expressão adequada de sua estrutura conceitual” (STEIN, 2002, p. 156). Heidegger, como um profundo conhecedor de toda essa tradição, tinha plena consciência disso. Ele diz que Hegel herda essa tradição ao afirmar ser Deus o começo da ciência. A ser Deus o começo da ciência, a filosofia se torna para ele o que era para os gregos: ontologia e teologia (cf. PIRES, 2010, p. 245) ou a ciência de Deus, isto é, o enunciado do pensamento especulativo sobre Deus (cf. HEIDEGGER, 2006, p. 62).

Portanto, a “*Metafísica é a Onto-teo-logia*. A Metafísica é teologia porque é *ontologia*. É teologia, uma enunciação sobre Deus, porque Deus vem para dentro da filosofia” (HEIDEGGER, 2006, p. 62, 63). De acordo com esta afirmação, Heidegger deixa claro que a metafísica é, tanto teo-lógica quanto ontológica, isto é, são duas direções da filosofia primeira aristotélica que:

pensa o ente enquanto tal, quer dizer, em geral. A metafísica pensa o ente enquanto tal, quer dizer, no todo. A metafísica pensa o ser do ente, tanto na unidade exploradora do mais geral, quer dizer, do que em toda parte é indiferente,

como na unidade fundante da totalidade, quer dizer, do supremo acima de tudo. Pois, manifestamente, não se trata primeiro de uma reunião de duas disciplinas da metafísica autônomas, mas da unidade daquilo que na ontológica e na teológica é questionado e pensado: o ente enquanto tal em sua generalidade e princípio, na unidade com o ente enquanto tal em sua eminência e último (HEIDEGGER, 2006, p. 65, 67).

Porém, convém lembrar que essa afirmação de Heidegger faz parte do segundo período do seu pensamento – “Heidegger tardio” ou “Segundo Heidegger” – a qual é parte de três das conferências do filósofo, no ano de 1957, sob o título: *A constituição Onto-teo-lógica da Metafísica*, sendo uma análise reelaborada em alguns pontos da “Ciência da Lógica” de Hegel. Apesar de haver informações importantes, de que em seu segundo período de pensamento Heidegger tornara-se mais poético e voltado para o pensamento religioso Oriental segundo MacDowell (2012), faz-se notória a preocupação do filósofo com as questões teológicas e o problema de Deus.

Se conforme Heidegger, a teologia é um enunciado sobre Deus, que é inserido na filosofia, quem é Deus nessa teologia?

Wolfe (2014) menciona a observação que Heidegger faz do pensamento de Leibniz, quanto à consideração de Deus como a primeira causa ou razão para a operacionalidade da Metafísica. Para Leibniz, na interpretação do jovem Heidegger, Deus é a razão última de todas as coisas.

Wolfe comenta essa observação:

Esta interpretação [*construal*] designa vários papéis [*roles*] inter-relacionados para Deus. Primeiro, Deus é o *summum ens*, o maior ou mais pleno ser. Porque ser, dentro deste paradigma, é presença, Deus como sua maior instância está, portanto, também radicalmente disponível ou presente. Em segundo lugar, Deus é a *causa prima*, a primeira causa. Esta identificação, segundo Heidegger, vai de mãos dadas com um estreitamento [*narrowing*] do significado de ‘causa’ para causalidade eficiente. Em terceiro lugar, Deus é, nestas capacidades, também o *summum bonum*, o elevado [*summative*] valor e fiador de valor (WOLFE, 2014, p. 140).

Este comentário de Wolfe apresenta o tríplice entendimento de Deus na onto-teo-logia, segundo Heidegger: O primeiro entendimento apresenta Deus como – *summum ens* – o ente supremo ou ente geral. Segundo Estrada

(2012) e Pires (2010), Deus é visto na Onto-teo-logia como o ‘ser supremo dos seres’ (*Seiendsten des Seinden*), denominado por Leibniz.<sup>7</sup> Em outras palavras, de acordo com Maraldo (2003), Deus é o ser divino, superior e diferente dos seres humanos. O segundo entendimento aponta Deus como *causa prima* ou a *causa sui* na tradição filosófica, isto é, o Deus supremo é a causa, origem, o primeiro fundamento do processo causal. E finalmente, o terceiro entendimento sobre Deus refere-se à sua inserção na filosofia como *summum bonum*. Deus, o supremo e a causa primeira, é também, ao mesmo tempo, o valor supremo que rege e funda o comportamento ético e moral dos crentes. Stein afirma: “Deus entra na metafísica como fundamento do ser como transcendental, e como ente, no qual se suspendem os princípios suprassensíveis, que comandam as valorações éticas da humanidade e a conduzem no seu comportamento moral” (STEIN, 2002, p. 162).

Para o jovem Heidegger, a Onto-teo-logia esquece o ser por meio da entificação do ser. Deus é ‘a causa sui’, e enquanto tal, é também o valor supremo que rege e funda o comportamento ético e moral dos crentes. Mas quem seriam os responsáveis pela difusão desse pensamento? Pires menciona a acusação que Heidegger faz em sua obra, *Holzwege*, de que os culpados não são os pensadores ateus, mas os próprios “crentes e teólogos, que falam do ente supremo entre os entes, sem sequer lhes ocorrer pensar no ser” (PIRES, 2010, p. 257). Ao pensar em Deus como a “causa sui”, a Teologia Natural leva o homem ao vazio, à ausência da relação pessoal com Deus. O Deus da Ontoteologia é um ser impessoal. Heidegger afirma: “A este Deus não pode o homem nem rezar, nem sacrificar. Diante da *causa sui*, não pode o homem nem cair de joelhos por temor, nem pode, diante deste Deus, tocar música e dançar” (HEIDEGGER, 2006, p. 75).

Vale ainda ressaltar que embora Kant utilize já o termo ontoteologia, seu sentido não é o mesmo que o empregado por Heidegger. O sentido de Teologia Natural, para Kant, difere da tradição. Em Kant, Teologia Natural possui um sentido mais reduzido, e, o que é Teologia Natural, para a tradição, é em Kant Teologia Racional. Para Heidegger, Teologia Natural (Deus, ente supremo) é uma das dimensões da Onto-teo-logia, juntamente com a ontologia (ente enquanto ente). Com base em tudo o que foi dito, pode-se notar que

---

7. cf. THOMSON, 2000, p. 112. O termo inglês *beingest* é equivalente ao alemão *Seiendst* que pode-se traduzir por “o maximamente sendo” (ente).

Kant e Heidegger diferem em seu entendimento do que é Ontoteologia. Para Kant, *Ontoteologia* é um modo de *Teologia Transcendental*, justamente aquele, a partir do qual são extraídos conceitos necessários para descrever os “predicados puramente transcendentais” de Deus. Logo, a Ontoteologia é necessária para descrever tais predicados divinos.

Para Heidegger, por sua vez, *Onto-teo-logia* é a *Metafísica*, que tem inserida em seu bojo, a Teologia Natural, isto é, ele não faz distinção entre a Teologia Natural e a Transcendental, como Kant, mas ambas fazem parte da mesma categoria. Kant condena a Teologia Racional – Transcendental e Natural. Ele afirma que o Ser supremo não pode ser provado, como tentaram os filósofos gregos, medievais e modernos em suas asseverações. Mas ainda vê a possibilidade, para uma Teologia Moral que tem Deus como postulado, antes que como apresentado, pois a Teologia Moral “funda sobre as leis morais a crença na existência de um ser supremo” (KANT, 2001, A 632, B 660 – nota). Heidegger condena a *Onto-teo-logia* severamente, conforme observa Fehér (2000),<sup>8</sup> e, diferentemente de Kant, não considera a possibilidade do uso de uma Teologia Moral. Pois a Teologia Moral faz parte da *Onto-teo-logia*.

Assim, a Teologia Natural é a reflexão sobre Deus, enquanto ente supremo, baseada na razão, reflexão que para Heidegger, é problemática, porque oculta a questão do “Ser”, em que tal problema já fora denunciado por Nietzsche em *Gaia Ciência e Assim Falou Zarathustra*, isto é, que a ocultação do “ser” pela teologia natural apresenta um Deus, morto pelos próprios cristãos (NIETZSCHE, 2006, 2011; HEIDEGGER, 2008).<sup>9</sup> Por

8. Apesar de Heidegger criticar a Teologia Natural, Hans Jonas, em seu artigo: Heidegger e a Teologia, defende que Heidegger esboça uma espécie de Teologia Natural: “A ascensão do pensamento do ser até Deus: a análise do ser produzindo o sagrado e o divino, o sagrado e o divino pertencendo à estrutura da realidade como tal, o divino oferecendo a dimensão ontológica para Deus e os deuses existirem ou não existirem – não preciso explicitar detalhadamente. Se isto não é um esboço para um procedimento ontológico de uma teologia natural, cujos ancestrais são Platão e Aristóteles, eu não sei o que é então” (JONAS, 2001, p. 249).

9. Heidegger, no Segundo Período do seu pensamento, também recebe a influência de Nietzsche, em sua crítica à *Onto-teo-logia*. Na *Carta sobre o humanismo* (1946), Heidegger critica a observação categorizada de Nietzsche: “Visto que se faz referência à sentença nietzschiana sobre a “morte de Deus”, uma tal ação é declarada como ateísmo. Pois o que há de mais “lógico” do que dizer que aquele que fez a experiência da ‘morte de Deus’ seja um a-teu, um sem-Deus? Como em tudo que se mencionou se fala em geral contra o

isso, Heidegger então, na primeira virada do seu pensamento,<sup>10</sup> volta a sua atenção para outra Teologia, que é a reflexão sobre Deus baseada na fé, que busca compreender, fenomenologicamente, os dados da revelação e da fé, por meio dos conceitos elaborados a partir de tais dados (Teologia Cristã). Uma figura importante, porém, não única no desenvolvimento do projeto filosófico heideggeriano foi o jovem teólogo protestante Martinho Lutero,<sup>11</sup> em quem mais tarde Heidegger também observará falhas e lacunas.

---

que a humanidade considera como elevado e santo, esta filosofia ensina um “nihilismo” irresponsável e destrutivo” (HEIDEGGER, 2008, p. 360). A sentença “Deus está morto!”, Nietzsche apresenta em duas obras: *A Gaia Ciência* e *Assim falava Zaratrusta*. Em *A Gaia Ciência*, Nietzsche fala da morte de Deus por meio da parábola do insensato: “Nunca ouvirei falar desse louco que acendia uma lanterna em pleno dia e desatava a correr pela praça pública gritando sem cessar: “*Procuro Deus! Procuro Deus!*” [...] [...] “*Para onde foi Deus?*” – exclamou – “É o que vou dizer. Nós o matamos – vocês e eu! Nós todos, nós somos os seus assassinos! [...] [...] *Não ouvimos nada ainda do barulho que fazem os coveiros que enterram Deus? Não sentimos nada ainda da decomposição divina? – Os deuses também se decompõem! Deus morreu! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre os assassinos!* [...]” (NIETZSCHE, 2006, § 125, p. 129). Em *Assim falava Zaratrusta*, Nietzsche fala da morte de Deus através do profeta persa Zaratrusta: “Mas quando Zaratrusta se achou só, assim falou para seu coração: “Como será possível? Esse velho santo, na sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto!*”. Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores. Ofender a terra é agora o que há de mais terrível, e considerar mais altamente as entranhas do inescrutável do que o sentido da terra!” (NIETZSCHE, 2011, p. 13, 14). Heidegger afirma que as palavras de Nietzsche revelam a crise do pensamento metafísico, a falência das especulações da Onto-teo-logia. Portanto, é a metafísica que dá o golpe de morte em Deus (cf. HEIDEGGER, 1977, p. 241, 246; Apud. PIRES, 2010, p. 257, 258), e Nietzsche é, para Heidegger, um dos homens que mais sentiram profundamente a morte e ausência de Deus na tradição ocidental (cf. HEIDEGGER, 1977, p. 219; Apud. STEIN, 2002, p. 167).

10. No texto, *Meu caminho para a fenomenologia* (1963), Heidegger fala do seu início acadêmico no curso de Teologia em Freiburg, em 1909, e dos acontecimentos importantes em sua migração para a filosofia, no qual é destacado o contato com as obras e a pessoa de seu professor, Edmund Husserl, e com a editora Max Niemeyer, por meio da qual foi publicada, pela primeira vez, a sua obra magna, *Ser e Tempo*, também fruto da influência fenomenológica husserliana (cf. HEIDEGGER, 1973, p. 297-302).

11. Sobre a influência desta Teologia (especialmente a do jovem Lutero) sobre a filosofia do jovem Heidegger, recomenda-se ler o artigo: Heidegger, Leitor de Lutero: A Busca por uma vida Cristã Originária e o Problema do Pecado, publicado na Revista *Filosofia Moderna e Contemporânea da UNB*, v. 1 n. 7, abr. 2019, p. 309-326, que mostra, de maneira breve, a influência do jovem Lutero sobre o pensamento filosófico do jovem ou primeiro Heidegger.

## Considerações finais

De fato, o jovem Heidegger possuía um profundo conhecimento, tanto da teologia filosófica quanto da teologia cristã. Em relação à primeira, da qual este artigo teve por tarefa apresentar, Heidegger concluiu, no desenvolvimento de seu pensamento, que a teologia se fez valer da metafísica grega e, assim, acabou trazendo Deus para dentro da filosofia, utilizando-se do pensamento especulativo sobre Ele como o “ente supremo”, ou a “*causa sui*”, isto é, que é diferente e superior aos outros entes, a causa, origem e princípio de todas as coisas e, ao mesmo tempo, o supremo valor que rege e fundamenta os valores morais dos crentes.

Ao trazer Deus para dentro da filosofia, a própria teologia, ou melhor, os próprios crentes, segundo Heidegger, deram o golpe de morte em Deus. Pois o ente supremo ou *causa sui*, pensado na teologia filosófica, é um Deus com quem não é possível ter algum vínculo para dançar, rezar, temer e cultuar, pois está morto e é, meramente, fruto de pensamentos especulativos, e não alguém para se ter uma experiência em uma relação de aproximação do *Dasein* humano para com o divino. Assim, Onto-teo-logia ou Metafísica apresenta um Deus que está praticamente morto.

Até mesmo Kant, que demonstra ter objeções a Onto-teo-logia acabou, pela ótica heideggeriana, caindo na mesma armadilha da tradição, pois as possíveis postulações sobre Deus, por meio de uma Teologia Moral (prática), mostram que essa teologia também faz parte da Onto-teo-logia, pois apresentam um Deus apenas pensado, e não experimentado, em uma relação de culto e fé. Para Heidegger, Nietzsche é aquele que realmente percebeu e sentiu, profundamente, a morte de Deus, conforme apresenta em *Gaia Ciência e Assim Falou Zaratustra*.

Portanto, a teologia natural ou filosófica apresentou ao ente humano um Deus morto, fruto de pensamentos especulativos na reflexão do conteúdo da revelação e da fé, a partir da própria razão, sem a necessidade de qualquer experiência religiosa, o que levou o jovem Heidegger, em seu projeto filosófico, a desconstruir a tradição filosófica e receber a importante e poderosa influência do jovem Martinho Lutero que, no início de seu pensamento, tentou pela Teologia Cristã compreender a experiência da fé cristã, em seu sentido mais originário.

## Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Edição bilingue. Edição Brasileira diretor: Fidel García Rodríguez. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

COPLESTON, Frederick. *A History of Philosophy* – v. II. New York: Image Books Doubleday, 1993.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Meditações Metafísicas*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ESTRADA, Juan Antonio. *Deus nas Tradições Filosóficas*. Volume I: Aporia e problemas da teologia natural. Tradução: Maria A. Diaz. São Paulo: Paulus, 2012, p. 126-151.

FEHÉR, István. Heideggers Kritik der Ontotheologie. In: FRANZ, Albert; JACOBS, Wilhelm. *Religion und Gott im Denken der Neuzeit*. Paderborn, 2000. p. 201-223.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: Mundo – Finitude – Solidão*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro/ São Paulo: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. Carta sobre o humanismo. In: *Marcas do Caminho*. Tradução: Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Que é isto – A filosofia? Identidade e Diferença*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo/Petrópolis: Vozes/Duas Cidades. 2006.

JONAS, Hans. Heidegger e a Teologia. In: JONAS, Hans. *The phenomenon of life: toward a philosophical biology*. Tradução: Wendell Evangelista Soares Lopes. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2001, p. 235-261.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANT, Immanuel. *Lições sobre a Doutrina Filosófica da Religião*. Tradução: Bruno Cunha. Petrópolis/ Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2019.

MACDOWELL, João A. Martin Heidegger e o pensamento oriental: confrontos. In: NETO, A. F. & JR, Oswaldo Giacoia (org.). *Heidegger e o pensamento oriental*. Uberlândia: UFU, 2012, p. 125-147.

MARALDO, John C. Rethinking God: Heidegger in the Light of Absolute Nothing, Nishida in the Shadow Onto-theology. In: Jeffrey Bloechl (ed.). *Religious Experience and the End of Metaphysics*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2003, p. 31-49.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução: Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zarathustra* – Um livro para todos e para ninguém. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PIRES, Celestino. Deus e a Teologia em Martin Heidegger. *Revista Portuguesa de Filosofia*. Portugal, 2010, p. 237-284.

PLATÃO. *A República*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia* – v. 1. Tradução: Ivo Stornio-ilo. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTO ANSELMO. Monólogo. In: Coleção *Os Pensadores*. Tradução: Ângelo Ricci, Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. *Prosligion* – Seu Alloquim de Dei existentia. Tradução: José Rosa. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

STEIN, Ernildo. O Abismo entre ser e Deus: A diferença ontológica recusa a diferença teológica. In: OLIVEIRA, Manfredo & ALMEIDA, Custódio (Orgs.). *O Deus dos filósofos contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 155-177.

THOMSON, Iain. Ontotheology? Understanding Heidegger's Destruktion of Metaphysics. In: DREYFUS, Hubert; WRATHALL, Mark (Ed.). *Heidegger Reexamined*, vol. 2: Truth, Realism, and the History of Being. New York and London: Routledge, Taylor & Francis Group Ltd., p. 107-137. *International Journal of Philosophical Studies*, vol. 8(3), p. 297-327, 2000. Disponível em: <http://www.tandf.co.uk/journals>.

WILLIAMS, Thomas. *John Duns Scotus*. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/fall2008/entries/duns-scotus/#ProExiGod>, 2007. Acesso em: 16 mai. 2016.

WOLFE, Judith. *Heidegger and Theology*. London: Bloomsbury Academic, 2014.

Artigo recebido em 22/11/2019 e aprovado para publicação em 05/12/2019

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v18i36-2019-5>

**Como citar:**

MENDES, Eric Ewans. O jovem Heidegger e a Onto-teo-logia. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p.341-356, jul./dez. 2019. Disponível em: [www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)